

CORPO E DIVERSIDADE

BODY AND DIVERSITY

Gabriel Romeo Brandt¹
Eliana Perez Gonçalves de Moura²
Rosemari Lorenz Martins³

RESUMO

Este estudo configura-se como uma revisão narrativa que visou visitar algumas abordagens, conceitos, discussões e concepções em relação ao corpo. O objetivo geral é analisar, por meio dessa breve revisão, a importância das mudanças e das evoluções da humanidade com relação à mentalidade, moralidade e percepção quanto ao corpo biológico e virtual. O aporte teórico contou com a sociologia do corpo de Lebreton (2003). As análises do corpo e das tecnologias dialogam com autores como Tegmark (2017), Lemos (2007) e Rothblatt (2016), além de abordarem os conceitos de estigmas e identidade, de Goffman (2004).

Palavras-chave: Corpo. Identidade. Tecnologia.

ABSTRACT

This study is configured as a narrative review that aimed to revisit some approaches, concepts, discussions and conceptions in relation to the body. The general objective is to analyze, through this brief review, the importance of changes and evolutions of humanity in relation to mentality, morality and perception of the biological and virtual body. The theoretical contribution included the sociology of the body by Lebreton (2003). The analyzes of the body and technologies dialogue with authors such as Tegmark (2017), Lemos (2007) and Rothblatt (2016), in addition to addressing the concepts of stigmas and identity, by Goffman (2004).

Keywords: Body. Identity. Technology.

¹ Bacharel em Administração, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8488898766695932>. *E-mail:* gabrielbrandtmaster@gmail.com

² Doutora em Educação. Docente no curso de Psicologia e docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, da Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1464851297981487>. *E-mail:* elianapgm@feevale.br

³ Doutora em Letras. Professora do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e do curso de Letras, da Universidade Feevale. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4951548133959060>. *E-mail:* rosel@feevale.br

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS ACERCA DO CORPO

Vivemos em tempos pandêmicos. Com eles, surgiram novos modos de pensar e de lidar com o corpo. A fecundação *in vitro*, o sexo cibernético, a inteligência artificial, o controle farmacológico de si e as artes corporais são dicotomias que merecem nossa atenção. Se o “corpo seria uma prisão para a alma”, conforme Platão, seria preciso ir além da existência corpórea e do espaço-temporal para ser pleno. Isso implicaria em experiências virtuais (vivências extracorpóreas). Seria o fim do corpo e a criação de outros /vários “eus”?

No primeiro capítulo de seu livro “Adeus ao corpo: antropologia e sociedade”, Le Breton, traz “o corpo como acessório”, como se ele deixasse de ser visto em sua inteireza e se tornasse algo composto por partes descartáveis, sempre passíveis de melhorias. Contudo, o conceito paradoxal (corpo composto por partes descartáveis verso corpo como a principal representação de nós), do ser. A interioridade é posta para fora (na identidade) (OLIVEIRA, 2003).

No segundo capítulo, “A produção farmacológica de si”, o autor (LE BRETON, 2003), aborda a busca da regulação do humor através do uso de psicotrópicos. Como pressuposto, está a tentativa de estabelecer uma base estável para lidar com as turbulências do mundo, aliviando, assim, o esforço de viver, evitando as situações problemáticas, conflituosas da vida. O Prozac seria a droga da felicidade e o Viagra possibilitaria uma vida sexual ativa. Esses medicamentos são alguns exemplos, assim como as vitaminas, os fortificantes e os dietéticos.

Tudo isso se apresenta de maneira bem irônica, uma vez que, ao se entregar aos efeitos reguladores dos psicotrópicos, está-se abdicando da vontade, circunscrevendo-a ao limite da escolha do medicamento X de determinado efeito, previamente definido.

No capítulo terceiro, “A manufatura das crianças”, Le Breton (2003) abordou a fecundação *in vitro*, com um novo modo de encenar a geração de vidas. Com pais somente biológicos, casais estéreis, filhos pós-menopausa, foi possível produzir vidas somente a partir de óvulos, da venda de embriões, do catálogo de doadores de material genético etc. Logo, surgiu o congelamento de óvulos de mulheres jovens, a gestação de crianças por virgens, a geração de filhos com material genético de homens já mortos feita por viúvas, o útero de aluguel e a geração de filhos pós-morte.

Em um futuro não muito distante, as pessoas nascidas com alguma anomalia poderão recorrer à justiça contra o Estado, os médicos ou até mesmo contar os pais. Assim, Le Breton (2003) evoluiu no quarto capítulo, “O corpo como rascunho das ciências da vida”. Ali, reduziu o homem e os seres vivos à informação. A sina organizada de mensagens passíveis de misturas (animais, vegetais e artefatos técnicos) acaba com a distinção do valor entre o homem e seus instrumentos.

O surgimento de uma moral totalmente nova, como o Projeto Genoma, aparece pouco antes do quinto capítulo de Le Breton (2003), “O corpo supra numerário do espaço cibernético”. Nesse espaço, a dimensão corporal perde sua importância e deixa, assim, de impor suas limitações. A multiplicidade de “eus” (os “eus” provisórios) são vivências que geram confusões entre o real e o virtual, pelo fato de o espaço cibernético não deixar de proporcionar um sentimento de realidade, as percepções são sentidas.

Um movimento que humaniza as máquinas e mecaniza os homens vem pela engenharia genética, a inteligência artificial, pois, em um mundo em que a insignificância do homem não para de crescer, a dignidade e a importância das máquinas adquirem uma dimensão cada vez maior.

No sexto capítulo, está a sexualidade cibernética e a busca pelo prazer, de maneira ascética, limpa. O livro do corpo e seus vícios mostra o desprezo pelo corpo e sua imperfeição: “[...] o corpo, apesar das inúmeras analogias com as máquinas, é considerado um artefato inferior devido à sua fragilidade e mortalidade, enfim, por estar destinado à podridão” (LE BRETON, 2003, p.169).

O sétimo capítulo, “o Corpo como excesso”, traz as máquinas que têm suas capacidades equiparadas às capacidades dos seres humanos e, de acordo com os teóricos da inteligência artificial, seriam até superiores a estes e, em pouco tempo, os superariam. Uma vez que não possuem corpo, segundo essa percepção, não passam de um entrave para a inteligência. Porém, a grande ironia é que a própria existência corpórea é o que faz o homem ser o que é e, ao mesmo tempo, o que impossibilita as máquinas de chegarem ao nível do humano, já que o homem não processa informações, mas as sente.

Como aspectos paradoxais, o corpo que, representa um entrave, torna-se uma tela para o mundo, o sujeito que passa a ser o que é corporalmente. A identidade

confunde-se com o corpo, mesmo que o corporal seja transitório. Assim, o que era para ser acessório, secundário, assume o papel de elemento definidor de identidade.

2 CORPO E TECNOLOGIA

Dos aspectos introdutórios acerca do corpo (com base em Lebreton, 2003), é necessário abordar alguns conceitos ligados ao corpo e à tecnologia. Por isso, é justificada a escolha pela revisão narrativa, tendo em vista que não se utiliza de critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura.

Testando algumas hipóteses, tem-se como objetivo metodológico levantar, reunir e avaliar criticamente a metodologia da pesquisa e sintetizar os resultados de diversos estudos primários, em forma de uma publicação mais ampla, quase que para abordar o estado da arte do corpo.

Um exemplo é o termo *onlife*, que se refere à essa nova experiência de realidade hiperconectada, na qual não faz mais sentido perguntar para determinado sujeito se ele está on-line ou off-line.

A distinção difusa entre a realidade e a virtualidade, entre humano, máquina e natureza implica mudança da informação escassa para informação abundante. Assim, dá-se a mudança da ênfase nas propriedades individuais e binárias, para a primazia das interações, processos e redes evidencia as formas de vida. Conforme Tegmark (2017), podemos dividir o desenvolvimento da vida em 3 estágios, que se diferenciam pela habilidade da vida de se autoprojetar (*design itself*): o estágio biológico, a vida 1.0 (*hardware* e *software* com base evolutiva), o estágio cultural, vida 2.0 (*hardware* de base evolutiva, projeta grande parte do seu *software*) e o estágio tecnológico (vida 3.0: projeta seu *hardware* e *software*).

De acordo com Lemos (2007, p. 163), “[...] o corpo funde-se gradualmente com as novas tecnologias. O corpo torna-se um híbrido campo de intervenções artificiais como a cirurgia plástica, a engenharia genética, as nanotecnologias”. Assim, cada vez mais, vamos colonizando nossos corpos orgânicos com artefatos sintéticos e eletrônicos. Essa discussão é interessante não apenas do ponto de vista individual de corpo biológico, mas do ponto de vista social também, uma vez que as possibilidades de aprimoramento individual podem moldar novas formas de vida na sociedade.

Mas, afinal, ao falar em corpo, é possível mencionar o que é inteligência? Seria ela uma habilidade de realizar objetivos complexos? Então, o que é inteligência geral (*general intelligence*)? Uma habilidade de realizar virtualmente qualquer objetivo, incluindo aprendizagem. Poderiam ser citados o Human-level, a AGI (*artificial general intelligence*) e tantos outros vocábulos para indicar a habilidade de realizar qualquer tarefa cognitiva, pelo menos tão bem como os humanos. Expressões como Clone mental e Rothblatt (2016) apontam para as pesquisas que indicam as possibilidades de transferir a consciência humana para máquinas, ou o que ela chama de clone mental, e assim será possível alcançar a imortalidade:

Clones mentais são arquivos mentais usados e atualizados por um software mental criado para ser uma réplica funcionalmente igual à mente de uma pessoa. Um clone mental é criado a partir dos pensamentos, lembranças, sentimentos, crenças, atitudes, preferências e valores que você introduziu nele. (ROTHBLATT, 2016, p. 26).

Assim, qual o futuro do ser humano? Fala-se em *post gender*, *death of age* (*Ad-vitam*), transhumanismo, *human enhanced*, *cyborgs*, *AS – artificial sense* e tantas outras coisas que acabamos ficando confusos. O fato é que a vida hiperconectada, a internet das coisas, a vida robotizada e os avanços tecnológicos nos indicam que a tecnologia pode ser uma aliada dos humanos, quase como uma extensão corpórea, desde que não sejamos escravizados por ela.

Pensar sobre a interface homem e máquina, corpo e tecnologia, traz alguns referentes quanto à identidade, conforme a sequência, já que serão abordados alguns estigmas.

3 ESTIGMA E MANIPULAÇÃO DA IDENTIDADE

Estigma e identidade social são termos que remontam aos gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais. Eles criaram o termo estigma para se referirem aos sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou com fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.

Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se aos sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele. O segundo era uma alusão médica à alusão religiosa e se referia aos sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém, é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.

Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação. Os estudiosos, entretanto, não fizeram muito esforço para descrever as condições estruturais do estigma ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito. Parece necessário, portanto, tentar resumir algumas afirmativas e definições muito gerais. Sugeriu-se, inicialmente, que poderia haver uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo.

Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo. Em alguns casos, como no do indivíduo que nasceu sem nariz, ele pode continuar, durante o resto da sua vida, a achar que é o único de sua espécie e que o mundo inteiro está contra ele. Na maioria dos casos, entretanto, ele descobrirá que há pessoas compassivas, dispostas a adotar seu ponto de vista no mundo e a compartilhar o sentimento de que ele é humano e "essencialmente" normal, apesar das aparências e a despeito de suas próprias dúvidas.

Nesse caso, devem-se considerar duas categorias. O primeiro grupo de pessoas benévolas é, é claro, o daquelas que compartilham seu estigma. Sabendo por experiência própria o que se sente quando se tem esse estigma em particular, algumas delas podem instruí-lo quanto aos artifícios da relação e fornecer-lhe um círculo de lamentação no qual ele possa refugiar-se em busca de apoio moral e do conforto de sentir-se em sua casa, em seu ambiente, aceito como uma criatura que realmente é igual a qualquer outra normal.

Quando há uma discrepância entre a identidade social real de um indivíduo e sua identidade virtual, é possível que nós, "normais", tenhamos conhecimento desse fato antes de entrarmos em contato com ele ou, então, que essa discrepância se torne evidente no momento em que ele nos é apresentado. Uma possibilidade fundamental na vida da pessoa estigmatizada é a colaboração que presta aos "normais" no sentido

de atuar como se sua qualidade diferencial manifesta não tivesse importância nem merecesse atenção especial.

Entretanto, quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (ou, pelo menos, ela não sabe que os outros a conhecem), quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditada, e não desacreditada, nesse momento, é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde.

Por exemplo, quando o paciente mental está no sanatório e, quando se encontra com membros adultos de sua família, ele é tratado com tato, como se fosse sadio, quando, na realidade, há dúvidas sobre isso, mesmo que não de sua parte ou, então, ele é tratado como insano quando sabe que isso não é justo. Mas, para o ex-paciente mental, o problema pode ser bem diferente; ao invés de encarar o preconceito contra si mesmo, ele deve considerar sua aceitação involuntária pelos indivíduos que têm preconceitos contra o tipo de pessoa que ele pode revelar ser.

Onde quer que ele vá, seu comportamento confirmará, falsamente, para as outras pessoas o fato de que eles estão em companhia do que eles na verdade esperam. Mas podem descobrir, na realidade, que isso não ocorre, ou seja, não se literariamente muitas das experiências morais cruciais e mudanças também cruciais a que estão sujeitos, retrospectivamente, aqueles que estão em uma categoria estigmatizada. Trata de uma pessoa mentalmente sadia como eles próprios. Deliberadamente ou não, o ex-paciente mental esconde informações sobre sua identidade social verdadeira, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar estudo e reflexões sobre aspectos introdutórios a respeito do corpo, fica explícito o quanto a identidade se confunde com o corpo, mesmo que o corporal seja transitório. O que era para ser acessório, secundário, conforme Lebreton (2003), assume o papel de elemento definidor de identidade. Pensar sobre a interface homem

e máquina, corpo e tecnologia, traz alguns referentes quanto à identidade e expõe as diferentes realidades de estigmas conforme a história e sua evolução.

A escolha pela revisão narrativa levou em conta que não se utilizariam critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Testaram-se, pois, algumas hipóteses e o objetivo metodológico de levantar, reunir e avaliar criticamente a metodologia da pesquisa foi atingido.

Para sintetizar os resultados de diversos estudos primários, em forma de uma publicação mais ampla, quase que para abordar o estado da arte do corpo, começou-se com as definições que os gregos atribuíram aos sinais corporais com os quais procuravam evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava no corpo. Sinais estes que eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.

Depois, na Era Cristã, foram acrescentados além das definições anteriores ao termo estigma, mais duas: a primeira delas referia-se aos sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; a segunda era uma alusão médica à alusão religiosa e se referia aos sinais corporais de distúrbio físico.

Atualmente e nos próximos anos, os estigmas acompanham e acompanharão os avanços tecnológicos. Ao utilizar a tecnologia quase como uma extensão corpórea, como aliada, para ter a vida hiperconectada, trazendo a reflexão mais uma vez sobre identidade, corpo e tecnologia, teremos uma vida futura robotizada?

REFERÊNCIAS:

LA BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REIS, Nayara Borges. O corpo como expressão segundo a filosofia... **Kínesis**, Marília, v. 3, n. 6, p. 137-153.

OLIVEIRA, Maria Ester. LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003. 240 p. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 12, n. 1, p. 181-189, 2003.

TEGMARK, Max. **Life 3.0**: Being Human in the Age of Artificial Intelligence. NY: Alfred A. Knop, 2017.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROTHBLATT, Martine. **Virtualmente humanos**: as promessas — e os perigos — da imortalidade digital. São Paulo: Cultrix, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. [S.l]: [s.n], 2004.